

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

MARIE-JOSÉ MONDZAIN

Sideração

Tradução Laura Erber

ZAZIE 
EDIÇÕES

Sideração

2016 © Marie-José Mondzain

COLEÇÃO

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

TÍTULO ORIGINAL

“Sidération”. Publicado originalmente em *L'Apétit de voir* (D-Fiction, 2014)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORES

Laura Erber e Karl Erik Schøllhammer

TRADUÇÃO

Laura Erber

REVISÃO DE TEXTOS

Denise Gutierrez Pessoa e Annie Cambe

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-03-4

Agradecemos à autora e a Hélène Clemente pela cessão dos direitos de publicação do ensaio.

Zazie Edições

www.zazie.com.br

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

MARIE-JOSÉ MONDZAIN

Sideração

Tradução Laura Erber

ZAZIE EDIÇÕES

Sideração

MARIE-JOSÉ MONDZAIN

Em um mundo onde a esfera da surpresa é escrava de uma dupla tirania, a da novidade a todo custo e aquela do escândalo financeiro – sexual sobretudo – e de todo tipo de comércio do “choque de palavras e fotos”,¹ como temos escutado, poderíamos pensar e entender a “sideração” apenas sob o regime prévio da impaciência, da energia marcial, criminal ou balística, em que a sede de novidades e surpresas é de tal modo erotizada que poderíamos concluir que, sem a sideração, irmã da surpresa e do inesperado, há somente decepção, tédio e sono do corpo e do pensamento. Seria necessário aceitar que a técnica do *zapping* se tornou também *zapping* mental, e que a renovação contínua dos objetos não dá a menor

1 A autora faz referência aqui ao mote da revista francesa *Paris Match* “*Le poids des mots, le choc des photos*” (“O peso das palavras, o choque das fotos”). (N.T.)

chance ao ritmo da atenção e da palavra. De certo modo, é como naquela passagem em que Pascal constata que “o mundo era tão louco que não ser louco seria sofrer de um outro tipo de loucura”. Assim também poderíamos dizer de nossa sideração diante da paisagem acelerada de todas as siderações organizadas e programadas por nosso meio. Não me contentarei com isso.

Os estados de sideração organizados pela indústria do espetáculo costumam acompanhar o espetáculo anunciado e teatralizado do apocalipse. Revelação pânica de um desastre aguardado... Em outros termos, o fim está próximo, não se surpreendam! No contexto retórico da crise e de seu léxico depressivo, há um chamado ininterrupto para o sobressalto. Pergunto-me simplesmente, então, o que é feito da arte do salto, aquele que é preciso realizar quando nos arriscamos, quando resistimos à repetição ou nos colocamos em perigo para transformar um estado da matéria ou um estado do mundo. Quando para nós tudo se reduziu a querermos ou devermos nos sobressaltar, é mais um espaço de terror que se instala onde queremos ver tudo explodir, já que não podemos explodir. Os sobressaltos contínuos das comoções subjetivas das sobre-intensidades distribuídas oferecem uma espécie de imagem epiléptica da própria sociedade. Entretanto, toda criação exige uma arte do salto, uma ruptura das repetições, uma experiência arriscada do suspense. Um escritor imenso já disse isso em seu diário, foi

Kafka: “Escrever é saltar para fora do mundo dos assassinos”. Então, entre salto e sobressalto, onde situar a sideração? Do lado do escândalo petrificante, ou do lado da invenção e da infinidade dos possíveis?

Se retomamos por um viés específico o registro da sideração, trata-se – permitam-me – de uma espécie da tonalidade expressiva que chamamos de “exclamação”. Exclamar é gritar e é também inscrever, escrever um ponto de exclamação. A tipografia introduziu esse acento. Silêncio ou grito, clamor ou signo, a exclamação é uma acentuação que implica a *patia* o signo de um estado do corpo e do pensamento afetados pela violência agradável ou não do inesperado. É aí que é preciso que nos voltemos para o nosso mundo, para o qual o regime ensurdecidor da exclamação é o único remédio contra a depressão e o tédio. Poderíamos esperar que a aceleração intempestiva dos ritmos da informação e do entretenimento produzisse uma temporalidade tecida de surpresas e de deslumbramentos que não cessariam de transformar o mundo e a nós, seus habitantes. Ora, o paradoxo está aí, diante de nós: uma siderante agitação, uma instabilidade contínua dos fluxos geram uma apneia do olhar e do pensamento, uma paralisia, uma atonia dos gestos, uma passividade sonolenta dos corpos que ilustra bem a proposta feita pela rainha a Alice, siderada pela velocidade do tabuleiro de xadrez do mundo sob seus pés, em *Alice através do espelho*. “Aqui tudo acontece tão rápido”, explica a rainha, “que você precisa correr o

mais que puder para permanecer no lugar.” Então Alice corre até perder o fôlego.

Nessa siderante experiência das coisas, deveríamos retomar certas palavras e os estados que designam: ἀταραξία (“ataraxia”), ausência de movimento, imobilidade; ἀπάθεια (“apatia”), ausência de afeto; αναισθησία (“anestesia”), ausência de toda sensação – que são ao mesmo tempo termos gregos que significam indiferença a todo tipo de estímulo e a todas as comoções provocadas pela existência de um lado de fora. Indiferença exercida pelo asceta, imobilidade do sábio e do filósofo estoico, impassibilidade do santo protocristão diante do mundo exterior. Ser indiferente a todos os estados do mundo, como a todos os estados do corpo, tal seria o segredo da sabedoria e a via da salvação. Ponto de sideração parente do estupor e do choque que produz todo confronto e todo contato com uma exterioridade para um sujeito que gostaria apenas de repousar em si mesmo, fruir de si mesmo em um equilíbrio autárcico voltado para si. Essa interioridade invulnerável deve ser aquela que alimenta o imaginário de um narcisismo primário, mesmo quando sublimado por considerações metafísicas ou teológicas. Tais considerações são as mais firmes barreiras erguidas contra a sideração. Os próprios epicurianos faziam desse regime mínimo do desejo o regime ideal de uma vida sem sofrimento. A sideração seria dolorosa? A sideração é sempre solidária com um afeto narcísico mais ou menos maltratado, já

que, do lado de fora, tudo prejudica necessariamente a fruição e a calma insular do sujeito. Quanto à glorificação dessa calma defendida contra todo clamor, conhecemos a bela fórmula presente em Valéry: “Ó recompensa após um pensamento,/um demorado olhar sobre a calma dos deuses!”.² Haveria uma igualdade sonhada entre a demora, a lentidão de um olhar pensante e a serenidade divina... mas o poeta acrescenta ao cenário de sua beatitude um ponto de exclamação: era esperado após a partícula exclamativa que também é aquela do “Ó” optativo com seu acento agudo. A calma sideral se opõe ao tumulto da sideração. Ouve-se bem o canto fantasiado (*fantasmé*) do desejo que odeia o movimento que desloca as linhas. São essas as palavras que cantam a ficção benfazeja de um tempo parado. Vamos seguir adiante. A sideração nasce do escândalo.

Se o Evangelho de Mateus exclama: “Ai daquele por quem o escândalo vem!”, Paulo, por sua vez, fala do escândalo da cruz e inflama sua fé em quem faz escândalo entre os judeus, naquele que impressiona por seus milagres e causa espanto por sua ressurreição. Jamais o registro exclamativo foi tão utilizado quanto nas fábulas cristãs, que, justamente, construía a futura ordem dominante. A combinação da sideração com a instauração de uma nova lei é

² No original: “Ó récompense après une pensée/qu’un long regard sur le calme des dieux!”. Paul Valéry. “Le Cimetière marin”, 1920. (N.T.)

uma aventura histórica, a da Igreja, que submete povos inteiros ao regime do mistério e às leis do seu ministério. Portanto as coisas não são tão simples, e sobretudo não estão sujeitas a um regime binário. A sideração é polissêmica e designa, sem sombra de dúvida, estados totalmente contraditórios. Nenhuma surpresa ao constatar que a exclamação é irmã do oximoro. Retornemos ao próprio termo “sideração”: ele está marcado pela consideração dos astros, a contemplação do céu, um espanto cósmico que engendra, com ele, o desejo de conhecer e de entender a inteligibilidade dos mundos. O sideral sempre siderou, e o espetáculo do céu – aquele dos deuses, do teatro, assim como o campo de toda teoria – é etimologicamente ligado, em todos os estratos semânticos, a esse radical *thea, theos*, que o dicionário etimológico de Festugière vincula também à divindade Taumas, o espanto. Ver, contemplar, compreender, mas também, crer, imaginar, sonhar, eis os estados que devemos à abóbada celeste e que nos levam a resistir a todo feitiço. As palavras chegam em grande número para dizer essa perturbação comum ao desejo e à razão: espanto iluminado, trovão na surpresa, raio de inteligência, luz do espírito. O saber nasce na tempestade. A relação indissociável da surpresa e do espanto siderado, com o desdobramento do pensamento cosmológico, é um *tópos*, um lugar-comum nos gregos. Todos conhecem a fórmula de Hesíodo: Íris, filha de Taumas – a ciência filha do espanto: *tèn Irin thaumantos engonon* –, fór-

mula que Platão retoma em *Alcibiades*, no *Teeteto* e nas *Leis* diversas vezes. Aristóteles, por sua vez, fielmente inscreve no livro A da *Metafísica*: “Espantar-se é o afeto do filósofo, filosofar é espantar-se”: “*To thaumazein philosophou to páthos*”. Dito de outro modo, o pensamento não passa de uma surpresa, essa arte do salto no questionamento, o perigo do desconhecido, mas, sobretudo, na ruptura de toda continuidade assegurada, de toda segurança repetitiva. Sócrates é elétrico como o peixe torpedo, e os diálogos de Platão fazem dele um mensageiro da sideração. Seus interlocutores são sempre desconcertados, e ele os deixa o tempo todo na incerteza. A sideração filosófica é quase um pleonasma, e não se conhece filosofia digna desse nome que não seja a abertura de um canteiro surpreendente de contraevidências que, por sua vez, não fazem mais que construir o regime funambulesco próprio a toda verdade. O pensamento filosófico é exclamativo, por definição – por essência, poderíamos dizer – pois reside exatamente aí o seu afeto fundador: não aceitar nada como evidente, nunca consentir com um pressuposto.

Existem, no entanto, profundas variações de regime da sideração e da contraevidência do pensamento na história do pensamento e na escritura de nossas emoções, ainda que sejam as mais racionalizadas. Para Descartes, cujo método é o suprassumo de uma racionalidade que revoga toda evidência, parece que se trata de colocar-se verdadeiramente à

prova revogando sem exceção todos os considerados da “credulidade”, aproximando-se dos abismos, correndo o risco da vertigem e da loucura. Onde a sideração comum dava lugar às superstições, às crenças, aos mistérios e aos milagres, e, onde os consentimentos costumeiros, os hábitos confortáveis deixavam o pensamento adormecer, Descartes rompe a continuidade de toda crença, de toda adesão. Ficamos estupefatos. O risco é siderante, mas o benefício deverá ser constituinte. Trata-se efetivamente de uma conjuração de todo regime exclamativo, mas foi preciso, apesar de tudo, operar um salto e organizar, em seguida, uma regulagem entre o contínuo e o descontínuo, do lado da criação divina e do lado da teoria dos choques. A racionalidade mecânica não resolve tudo, e a certa altura Descartes deverá designar, imaginando-a, a zona misteriosa onde a alma e o corpo se emparelham. Tal é o ponto espantoso em que sua própria sideração o conduz a estranhas considerações. Na mesma época que Descartes, Pascal defende e cultiva uma glorificação do ininteligível e do milagre e não pode definir o homem e a condição humana fora do campo exclamativo e desconfiando da razão. Tal como o fragmento 209 dos *Pensamentos*, em que o regime de escrita da interrogação se abre a toda a violência exclamativa da sideração: “Que quimera é o homem, então? Que novidade! Que monstro! Que caos! Que tema controverso! Que prodígio!”. Nessa única frase, percorremos todos os estratos do

espanto e da sideração: para um ponto de interrogação, cinco pontos de exclamação: é um verdadeiro canteiro filosófico e poético que está sendo anunciado e desdobrado numa única frase. Registro da quimera, da novidade, da teratologia, da desordem, da ininteligibilidade e, finalmente, do milagre. Não saberíamos expressar de forma apropriada a imanência articulada do sideral da sideração e da consideração na definição do homem e de sua situação no mundo. A vizinhança entre a monstruosidade e o milagre, entre a criação e a desordem, é expressa com a força de um grito. A razão pode ser siderante quando deixa aparecer sua energia ficcional. O Iluminismo desdobrou a potência constituinte no campo político. O romantismo alemão jogará com virtuosidade contra o reino da consideração racional glorificando o brilho sideral e siderante de um “carnaval do pensamento”, para retomar a expressão de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy em sua exploração do Witz. É um novo regime de espanto que abre para a filosofia o campo poético de todos os possíveis.

Em suma, a sideração é o afeto inevitável de todo pensamento que enfrenta a existência de uma exterioridade, de um fora inevitavelmente perturbador. Se a criança que vem ao mundo respira o ar deste mundo, é com o espanto apavorado de seu primeiro grito, grito que lhe dá fôlego, fôlego que lhe dará palavra, palavra que só encontrará seu lugar entre corpos afetados pela estranheza ao mesmo tempo

irredutível e familiar de um lado de fora sideral e siderante. *Unheimlich*. Relacionando a experiência da sideração à exclamação que acompanha todo nascimento, sente-se claramente que é do estatuto do acontecimento que se trata. Não poderíamos conhecer a sideração sem ter de reconhecer que alguma coisa chega, e que, mesmo sendo esperada, nos surpreende radicalmente na medida em que essa chegada introduz uma experiência singular do tempo, uma suspensão da continuidade, inscrição de um surgimento inaugural que desloca todas as aquisições prévias, todas as identificações habituais, todos os dispositivos ordenados e, finalmente, certezas e poderes. Nem é preciso dizer que pensar a criação é pensar esse surgimento do inesperado e do inaudito. Mas, apesar de tudo, parece-me necessário fazer um desvio através da história contraditória de um mundo sem surpresa. Comecei assinalando a contradição aparente própria do que chamo de eleatismo moderno, gerada por um mundo que tem tamanho horror ao tédio que compensa essa angústia com uma agitação febril que não é mais do que a máscara de uma profunda paralisia. No entanto, foi exatamente sob o signo da melancolia e do tédio que a Renascença retomou a temática da acídia, tão cara aos anacoretas. Como compreender ao mesmo tempo que o espanto é o afeto do filósofo, que o conhecimento é filho do espanto e também que a provação do pensamento seja a de um tédio profundo e saturnino. Coube a Hans Blumenberg

entender magnificamente e descrever a intimidade da melancolia e da acídia com a *curiositas*. A tristeza enlutada do melancólico não é outra coisa senão essa súbita disponibilidade para acolher o infinito e viver a temporalidade excepcional da presença do mundo em seu esplendor. Haveria uma verdadeira fraternidade entre a sideração e o tédio? Existem a esse respeito páginas admiráveis de Heidegger em seu curso de 1924, *Os conceitos fundamentais da metafísica*. Sua meditação sobre a experiência do tédio, *Langweile*, leva-o a distinguir dois tipos de tédio, ou talvez três. Um ou dois estão vinculados à situação de espera impaciente e de vacuidade que produz em um o abatimento e no outro a indiferença. Mas uma e outra figuras do tédio abrigam secretamente outro tédio, em sua verdade siderante, um estado de acolhimento do acontecimento puro, ou do advento puro, de uma relação do sujeito com o mundo. A siderante presença de uma temporalidade que habita silenciosa a mais banal experiência do mundo. Tempo deslumbrante que capta a verdade do mundo deixando-se capturar por ele. Sem dúvida é preciso apreender nessa fenomenalidade do tédio a prova fulgurante de uma hospitalidade da consciência, um acolhimento absoluto do deslumbramento. Haveria assim, entre o nascimento, a infância e a potência poética, uma coalescência ininterrupta. Entre o caos e a ordem haveria uma zona emocional de sideração que seria feita só de generosidade para com qualquer lado de fora, de júbilo inventivo.

Experiência vivenciada por um corpo que atua, se desloca e reinventa sem cessar as regras da beleza que dão suas formas transitivas e transitórias à desordem. Seria necessário aqui abrir a reflexão para os elos tão promissores entre a sideração poética e a idiotia, mas essa é outra história. De modo que deixo aqui o lugar ao poeta e ao corpo do ator, que encarnam um momento jubiloso da filosofia e de puro encantamento ligado à sideração.

MARIE-JOSÉ MONDZAIN (Argel, 1942) é filósofa e diretora de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique de Paris. A autora vem se dedicando a pensar as fontes arcaicas do imaginário contemporâneo através do contato entre filosofia, história e religião. Destacam-se ainda seus estudos sobre o poder persuasivo e a legitimidade da imagem e sobre as diversas formas de violência do visível. Foram traduzidos para o português *Imagem, ícone, economia: as fontes bizantinas do imaginário contemporâneo* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2013; tradução de Vera Ribeiro), *A imagem pode matar?* (Lisboa: Nova Vega, 2009; tradução de Susana Mouzinho) e *Homo spectator* (Lisboa: Orfeu Negro, 2015; tradução de Luís Lima).